



A ARGILA COMO RECURSO PEDAGÓGICO E TERAPÊUTICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Paulo Bareicha¹ – UnB

Valquíria Xavier Oliveira– UnB

Introdução

A argila acompanha a humanidade desde 24.000 a.C., presente em utensílios, arquitetura, arte e usos terapêuticos. Sua maleabilidade permitiu a criação de objetos utilitários e simbólicos, fundamentais para diferentes culturas. No Brasil, representa herança de povos indígenas e africanos, que desenvolveram técnicas como a cerâmica e a taipa, preservando memórias ancestrais. A colonização, porém, ocasionou perdas culturais, reforçando a importância de valorizar a argila como parte da identidade nacional e como elo entre passado, presente e futuro.

A experiência aqui relatada ocorreu no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante o estudo de conteúdos relacionados à História da Arte. Após a análise de referências da arte egípcia e grega, reconhecidas por suas esculturas e simbolismos, foi proposta aos estudantes uma prática de escultura em argila. O objetivo foi integrar teoria e vivência artística, proporcionando a exploração de um material ancestral que atravessa culturas e períodos históricos.

A turma da EJA era composta por estudantes com idades entre 20 e 55 anos, com trajetórias marcadas por interrupções escolares. No estudo de História da Arte, surgiram reflexões sobre a função social da escultura em diferentes civilizações. Para ampliar essa compreensão, a prática com argila foi planejada em duas etapas: 1) Sensibilização e experimentação livre – contato inicial, amassamento, retirada de impurezas e exploração sensorial. 2) Modelagem orientada – criação de figuras de

¹-Doutorado e coordenador Prof-Artes- UnB- Paulo.bareicha@gmail.com
Mestranda Prof-Artes- UnB e graduanda de Psicologia UDF- valkcd@hotmail.com

gnomos, associadas ao lúdico e à simbologia da terra, especialmente adequadas ao período natalino de encerramento das atividades.

Na primeira etapa, os estudantes foram incentivados a manipular livremente a argila, amassando, sentindo texturas e projetando emoções como tristeza ou raiva no material. Esse momento possibilitou não apenas aproximação sensorial, mas também externalização simbólica de sentimentos, promovendo bem-estar e descontração. Como destacam Frigola e Miranda (2008, p. 7):

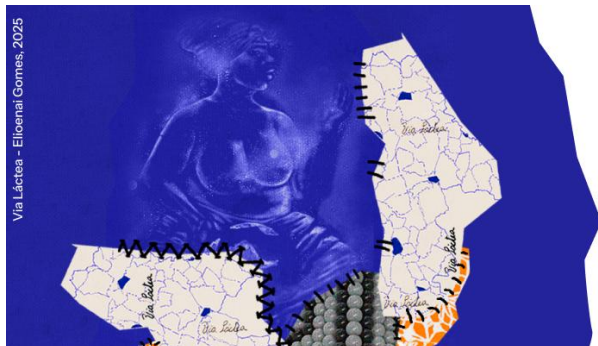
...a palavra cerâmica é de origem grega e alude ao conceito de argila em todas as suas formas. A maior parte dos museus, e graças à qualidade dos materiais, oferece a possibilidade de apreciarmos como, ao longo dos tempos, os artistas de todo o mundo se expressou por meio da argila.

Assim, inspirados por essa dimensão histórica e cultural, os estudantes também foram convidados a projetar na massa seus sentimentos, transformando a manipulação em um exercício simbólico de expressão. O momento revelou risadas, gestos e expressões espontâneas, evidenciando que o ato criativo proporcionou tanto descontração quanto alívio emocional.

Na segunda etapa, a modelagem dos gnomos foi realizada com orientação, mas preservando espaço para criação pessoal. Embora fundamentada em princípios da Arte-Educação, a experiência também revelou dimensões da Arteterapia, pois o contato sensorial e a simbolização de emoções favoreceram regulação emocional, atenção plena e liberação de tensões. Na visão de Cionai (1995).

...o propósito fundamental da Arteterapia é resgatar a criatividade na vida, ou seja, contribuir para que o sujeito aprenda a lidar criativamente com os limites que a vida lhe impõe, transformando-se assim em artista da própria vida (CIONAI 1995, p.59).

A experiência com argila pode ser compreendida à luz de diferentes referenciais teóricos que convergem para a valorização da arte como prática transformadora. Vygotski (1998) aponta que a criatividade emerge quando o sujeito reorganiza suas vivências para produzir algo novo, ressaltando que a arte não se limita



a reproduzir a realidade, mas a transformá-la, assim como o vinho não é apenas a uva, mas o resultado de uma elaboração que a transcende.

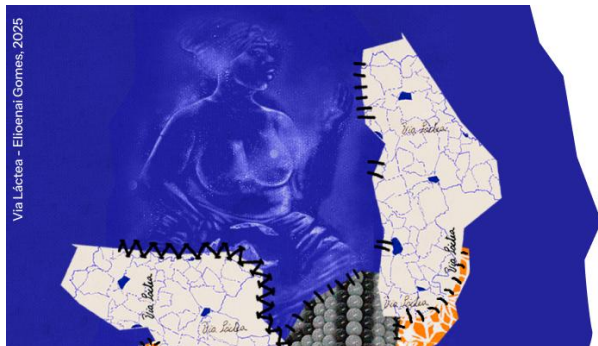
Figura 1 e 2 – Alunos EJA do Centro de Ensino 02 de Taguatinga.



Nessa mesma direção, Ciornai (1995) enfatiza que o fazer artístico possibilita ao indivíduo tornar-se “artista da própria vida”, pois resgata a criatividade e estimula a autonomia. No campo educacional, isso se traduz em experiências que favorecem a experimentação, a sensibilidade e o pensamento criativo, como ocorre no trabalho com a argila, em que materiais simples se convertem em produções originais.

Complementarmente, Dewey (2002) destaca que a atividade artística envolve não apenas os órgãos sensoriais, mas também uma dimensão interpretativa e espiritual, articulando pensamento e expressão em experiências estéticas significativas. Assim, o contato com a argila extrapola a dimensão técnica e abre espaço para vivências de integração entre corpo, mente e emoção.

[...] toda arte envolve órgãos físicos, como o olho e a mão, o ouvido e a voz e, no entanto, ela ultrapassa as meras competências técnicas que estes órgãos exigem. Ela envolve uma ideia, um pensamento, uma interpretação espiritual das coisas e, no entanto, apesar disto é mais do que qualquer uma destas ideias por si só. Consiste numa união entre o pensamento e o instrumento de expressão. (DEWEY 2002, p.76).

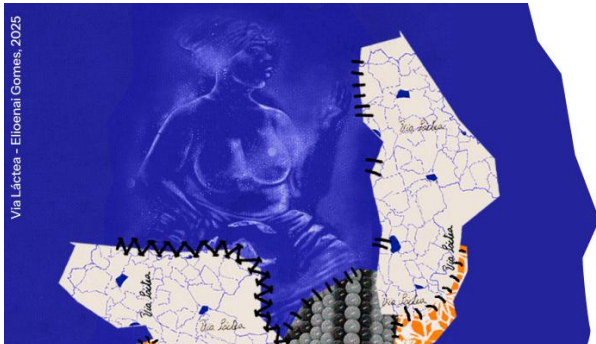


Nesse sentido, a prática também dialoga com a perspectiva curricular de Moreira e Candau (2005), que defendem a necessidade de considerar identidades de grupos historicamente subalternizados e de adotar estratégias pedagógicas capazes de ampliar horizontes culturais. O ensino de Arte não deve se limitar ao livro didático ou a abordagens teóricas, pois práticas concretas ampliam repertórios culturais e consolidam a arte como experiência transformadora. Como afirmam Moreira e Candau (2005, p. 39), “construir o currículo com base nessa realidade não é tarefa fácil (...). Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados”. Nesse sentido, a atividade com argila na EJA exemplifica como a prática artística pode integrar cultura, identidade e criação no processo educativo.

Nessa mesma linha, Ana Mae Barbosa (2001) reforça que o ensino da arte deve articular apreciação, contextualização e produção, assegurando que os estudantes vivenciem a arte em sua plenitude, como experiência transformadora que une tradição e criação.

Considerações finais

A experiência com argila na EJA demonstrou seu valor como recurso pedagógico, cultural e terapêutico, promovendo criatividade, expressão, percepção estética e vínculos coletivos. Os estudantes participaram de forma engajada, desenvolvendo habilidades motoras, atenção e sensibilidade artística, ao mesmo tempo em que vivenciavam a argila como espaço de acolhimento e regulação emocional. Do ponto de vista docente, a prática evidenciou a importância de ir além do livro didático, integrando teoria e prática, tradição e inovação, e valorizando a identidade cultural e a expressão pessoal. Assim, atividades concretas e metodologias ativas mostram-se essenciais para um ensino de Arte transformador e para o desenvolvimento integral dos estudantes.



Referências

AMERICAN CERAMIC SOCIETY. A brief history of ceramics and glass. Disponível em: <https://ceramics.org/about/what-are-ceramics/a-brief-history-of-ceramics-and-glass/>. Acesso em: 13 set. 2025.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. John Dewey e o ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortez. . Acesso em: 21 set. 2025. , 2001

Bozza, M.G.C. Argila- Espelho da Auto-Expressão. 1994. Departamento de Psicologia Fiset. Tuiuti Ciência e Cultura. Curitiba-PR. p.36-40

Ciornai, S. (1995). Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida. In M. M. M. J Carvalho (Org.), A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia (pp. 59-63). Campinas, SP: Editorial Psy II.

DEWEY, J. (2002). A Escola e a sociedade e A criança e o currículo. Lisboa: Relógio d'Água Editores

FRIGOLA, D. Cerâmica Artística. Lisboa: Editorial Estampa, 2008.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. C. Educação escolar e cultura(s):construindo caminhos. In:Educação como exercício de diversidade. Brasília:UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p.

Vygotski, L. S. (1998). Psicologia da arte (P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, São Paulo, v. 34, n. 1, mar. 2014.Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/5vdgTHLvfkzynKFHnR84jqP/?lang=pt#:~:text=Na%20vis%C3%A3o%20de%20Ciornai%2C%20o,em%20artista%20da%20pr%C3%B3pria%20vida>. Acesso em:13 de setembro 2025.